

ASPECTOS GEOGRÁFICOS, PAISAGENS E PROBLEMAS DE ANGOLA

ANTÔNIO ROCHA PENTEADO

Como bolsista da Unesco o Prof. ANTÔNIO ROCHA PENTEADO, sócio efetivo da A.G.B. e professor de Geografia do Brasil, da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, empreendeu viagem de estudos ao Congo e Angola, porções da África Tropical.

Depois de estudar a agricultura itinerante no Congo Belga (Boletim Paulista de Geografia nº 33, outubro de 1959), o Prof. Penteado aborda, no presente artigo, alguns problemas geográficos de Angola.

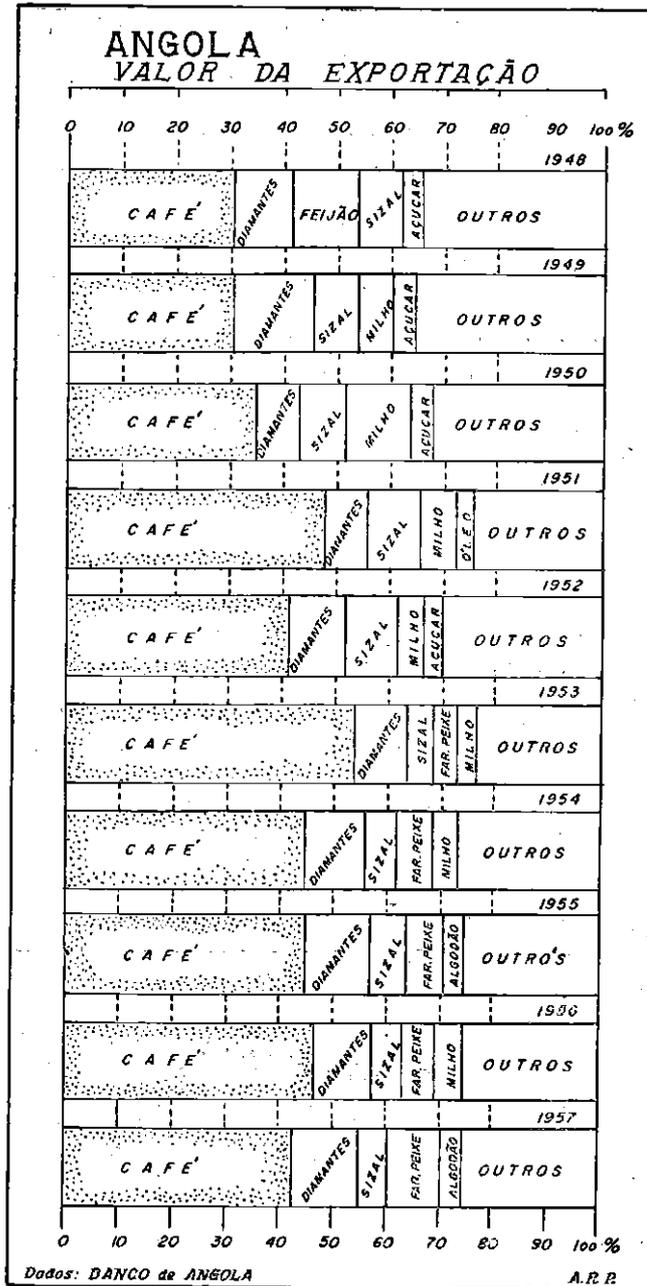
Introdução. — A Província Ultramarina de Angola, com seus 1.247.000 km² de extensão é tão vasta quanto o Estado do Pará ou de Mato Grosso. Ocupa considerável área da parte centro-ocidental da África, limitada ao Norte e à Leste pela República Conguêsa (ex Congo Belga), ao Sul pelo Sudoeste Africano, a Sudeste pela Rodésia do Norte e a Oeste pelo Oceano Atlântico.

Em posição fronteira ao território do Brasil, a Angola vê-se cortada ao meio pelo paralelo de 10.ºS, que em terras brasileiras passa pouco ao norte da foz do São Francisco. Dominando larga extensão das costas africanas, seu litoral corresponde ao trecho brasileiro da América do Sul localizado aproximadamente entre o sul de Fortaleza e a foz do rio Mucurí, imprimindo ao Atlântico assim delimitado um aspecto de Mediterrâneo Luso-Brasileiro.

Vista do Brasil, a Angola parece corresponder a uma zona quente e úmida, tal como a maior parte da África Central: nada mais errado, entretanto, pois basta uma simples inspeção da carta climática que acompanha estas notas para a constatação de que o clima tropical, quente e úmido, só é encontrado em trecho que corresponde a cerca de 1/3 de sua área total.

A Angola, foi para nós uma agradável surpresa, não só pela variedade de aspectos geográficos e de problemas que apresenta, como também pela projeção econômica que possui.

Assim é, por exemplo, sua balança comercial, aqui expressa em diagrama referente ao ano de 1957: não se destaca o território angolano pela exportação pura e simples de matérias primas, mas



ANGOLA — Valor da exportação.

principalmente pelo envio ao exterior de produtos alimentares (em 1959, 58,65%). No que diz respeito às importações, máquinas, motores e manufaturas ultrapassam mais da metade dos respectivos valores (em 1959, 55,85%), o que se explica pelas necessidades de Angola e suas fracas possibilidades técnicas.

Importante é verificar ainda o destino e a procedência das exportações e importações, respectivamente. Quanto ao destino das exportações papel destacado está reservados aos Estados Unidos da América (26,22% em 1959), Metrópole (18,19% em 1959) e Inglaterra (18,32% em 1959); verificando a procedência das importações nota-se que Angola possui saldo favorável no comércio com seus principais clientes e fornecedores: Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Holanda. Somente com a Metrópole, é que o comércio externo é deficitário, o que é perfeitamente aceitável, visto tratar-se de uma antiga colônia, tornada província em 1951.

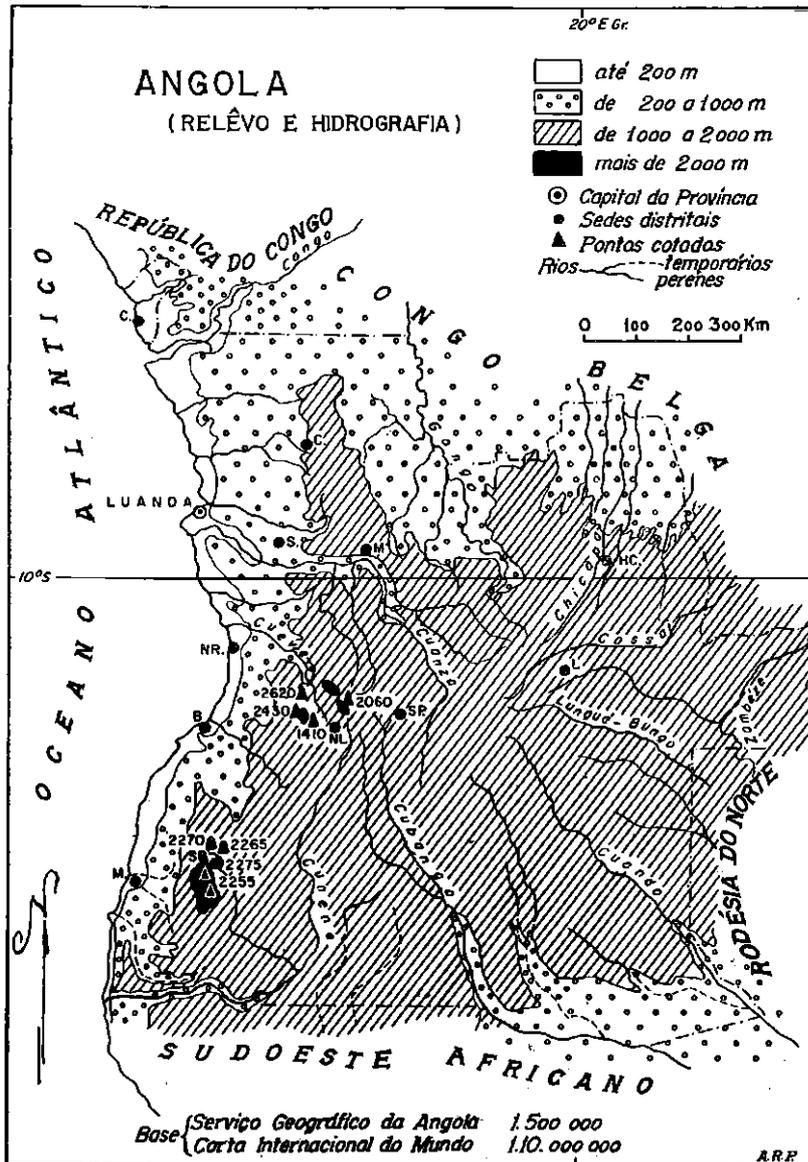
Tal balança comercial justifica-se plenamente, pela vitalidade que notamos existir na Angola em todos os setores da produção, das prospecções mineiras à indústria da cerveja, da agricultura itinerante aos colonatos, das estradas de ferro ao aparelhamento dos portos.

O Quadro Natural. — O “quadrilátero angolano” possui uma acentuada unidade geográfica, pelo domínio do extenso *Planalto Angolano*, com 1.000 a 2.000 metros de altitude média. Nota-se claramente, pela carta referente ao relevo e hidrografia, que o Planalto Angolano é um grande centro dispersor d'água. Realmente, a drenagem de Angola é caracteristicamente centrífuga, ao contrário do que acontece no vizinho território congolês. Aproximadamente do centro do planalto, por onde passam os trilhos da Estrada de Ferro de Bengala, acha-se situado a grande linha divisória das águas angolanas: aliás, ali estão as nascentes dos rios Cuanza, Cassai, Cuando, Cubango, Cunene e Queve, que se dirigem para a periferia planáltica.

Trata-se de um velho escudo cristalino, arqueozóico, parcialmente recoberto a leste, centro e sul, principalmente por sedimentos secundários, sobretudo arenitos. Entre as séries geológicas que recobrem o embasamento cristalino, destaca-se pela extensão o grupo de terrenos do “Sistema Karroo”, que oferecem condições similares às encontradas nos terrenos sedimentares do Brasil Meridional, conforme observamos na região situada a leste de Nova Lisboa.

Assim das regiões desnudadas e peneplanizadas do complexo cristalino, passamos a encontrar uma estrutura tabular, mesas e espigões, tal como no interior de São Paulo e Paraná, por exemplo.

Num vôo que realizamos de Luanda para Nova Lisboa, observamos como a drenagem que corre para oeste de Angola, por supe-



ANGOLA — Relêvo e hidrografia.

rimposição se encaixou no relêvo através de inúmeras baionetas hidrográficas. O relêvo, bastante compartimentado, apresentava pequenas planícies resultantes de prováveis níveis de base locais, colocados entre alinhamentos de cristas provavelmente quartzíticas, orientadas na direção NW-SE.

À medida que nos aproximávamos da localidade de Cela, a paisagem se transformava apresentando-nos inúmeros pequenos maciços rochosos isolados que correspondem a "inselbergs" e identificados em algumas cartas topográficas angolanas com os simples nomes de "pedras".

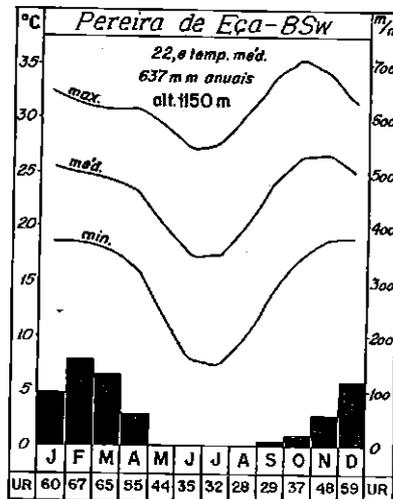
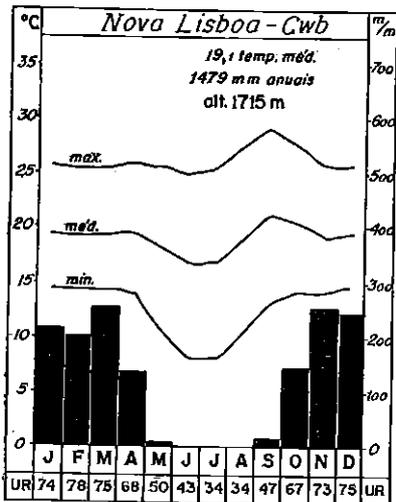
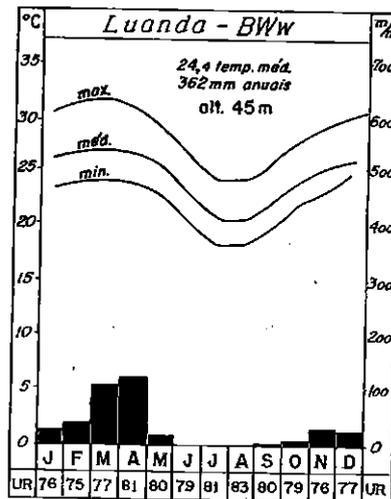
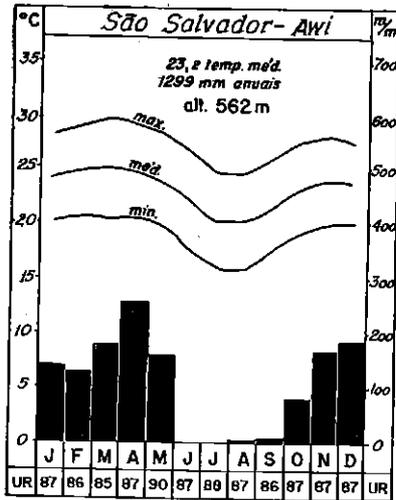
Esta paisagem é, sem dúvida, derivada de um processo morfo-climático derivado da antiga aridez regional, no momento substituída por um clima mais úmido. Tal fato foi confirmado, quando visitamos o Colonato de Cela, instalado numa ampla baixada semi-árida que faz lembrar a de Patos na Paraíba.

Já a *fachada litorânea* de Angola, com suas costas elevadas e semi-áridas ou áridas, muito retilíneas, sem oferecer bons abrigos naturais, deu-nos uma penosa impressão. Arenitos cretáceos (Camadas do Dondo) e depósitos visivelmente lagunares predominam nas baixadas do litoral; argilas terciárias denominadas "Quifangondo", aparecem entre os rios Bengo e Longa; sedimentos quaternários, recobrem grande parte dos terrenos terciários e jurássicos: são as "areias de Muceques", argilo-arenosas, avermelhadas e que caracterizam a região de Luanda.

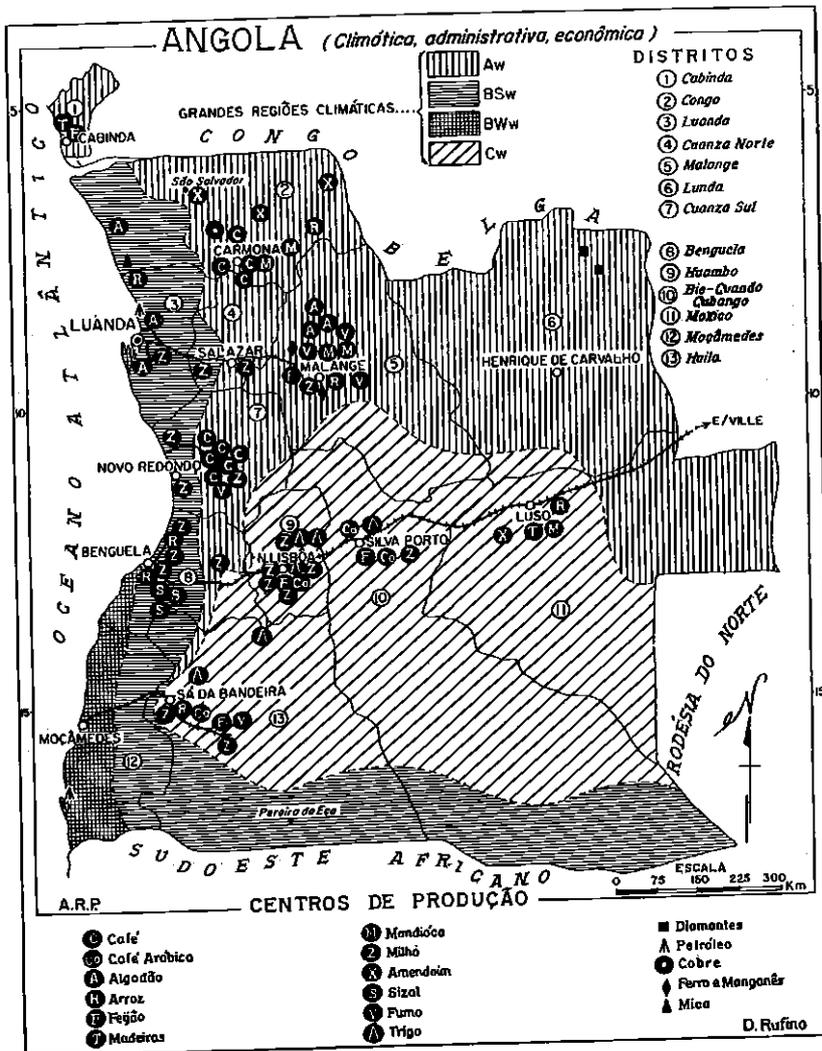
Entre as duas grandes regiões citadas, existe uma zona de transição: a *encosta do planalto Angolano*.

Se ao norte do território, a paisagem das baixadas litorâneas, — com seu tópo nivelado graças a estrutura tabular que possuem, lembrando os tabuleiros do litoral do nordeste brasileiro —, para o planalto é feito através de um pequeno degráu pouco notável, para o Sul de Angola, graças a proximidade maior do escudo ao mar, o desnivelamento é bastante sensível. Assim é na região meridional do país, onde se ergue a Serra da Chela (2.350 m.), verdadeira réplica em terras africanas do alcantilado das costas do sudeste do Brasil.

O clima Angolano, difere essencialmente, daquele encontrado em latitudes semelhantes do lado do Brasil, pela predominância de uma estação seca por vezes muito prolongada. A carta climática e os climogramas anexos, evidenciam êste fato; grupos climáticos de Köppen, A, BS, BW e C são caracterizados pela presença do símbolo w que indica a existência de período seco ou "cacimbo" nos meses menos quentes do ano. Tal pode ser constatado no exame dos climogramas de São Salvador, Luanda, Nova Lisboa e Pereira de Eça.



Deriva desta situação climática, a importância do planalto Angolano e suas duas grandes províncias agrícolas identificadas com o cultivo de determinadas espécies vegetais. Daí ser perfeitamente possível o plantio de café ("Robusta" e "Arábica"), de trigo, milho, arroz, amêndoin, feijão, algodão, sisal, etc., o que poderá levar a agricultura angolana a um elevado grau de diversificação.



Os já citados climogramas mostram também os característicos climáticos gerais das localidades a que se referem (total anual de chuva, temperatura média anual, altitude, e umidade relativa); vê-se, por exemplo, que Nova Lisboa possui uma média térmica comparável a de Pôrto Alegre, enquanto que a de S. Salvador corresponde a de Vitória.

Portanto, as condições climáticas de Angola, apesar da aridez e senti-aridez de sua fachada ocidental, apresentam-se bastante favoráveis ao desenvolvimento econômico da província portuguesa. Para tanto será apenas necessário o emprêgo de técnicas adequadas às condições do meio natural e cultural angolano.

A população e a ocupação do solo. — Segundo dados fornecidos pela Repartição de Estatística da Angola, contava a província no ano de 1950 com 4.145.266 habitantes, o que dava uma densidade demográfica média igual a 3,3 hab./por km².

A população angolana distribuiu-se irregularmente: as zonas mais habitadas são aquelas que se acham situadas ao longo das estradas de ferro, que grupam não só as principais cidades do território como também as regiões de maior exploração agrícola.

Os distritos mais populosos são aqueles localizados na porção ocidental, central e setentrional da Angola, onde nos seguintes conselhos e circunscrições encontram-se densidades elevadas: Luanda (106,04 hab. por km².); Nova Lisboa (21,81); Caconda (13,33); Bailundo (16,42); Bié (11,97); Malange (10,29). Já as partes menos populosas de Angola são encontradas ao sul e à leste, como por exemplo, em Curoca (0,14); Baixo Cubango (0,40); Porto Alexandre (0,53); Cuando (0,29).

Também quanto aos distritos verifica-se grande variação demográfica: somente o de Huambo possui mais de 18 hab. por km². Os de Luanda, Congo, Moxico, Moçâmedes, Cuando-Cubango, não chegam a ter 2 hab. por km².; suas áreas somadas correspondem a mais da metade do território angolano.

Essa irregular distribuição da população é refletida também em áreas ainda mais restritas. Quando se caminha por terras de Angola observa-se que a população se distribui com aquele característico já conhecido do brasileiro que é o "habitat" nucleado ou aglomerado-disperso. Na Angola como no Brasil dos tempos coloniais as propriedades agrícolas ou os centros de mineração constituem os principais focos de povoamento. Em seu redor concentram-se brancos e pretos.

Ainda tal aspecto do "habitat" angolano é reforçado pelos costumes da população bantú, tradicionalmente vivendo em aldeias, cada qual com seu território e num regime de economia fechada, tal como acontece em outros trechos da África (1).

O crescimento da população da Angola, mostra-nos aspectos interessantes. Em primeiro lugar vejamos os dados citados por

(1) PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — "A agricultura itinerante e o problema da fixação do homem ao solo no Congo Belga" — págs. 45-49.

Thomaz dos Santos (2) e referentes ao crescimento demográfico da população branca entre 1846 e 1940:

1846	1 830	habs.
1900	9 198	"
1913	13 800	"
1920	20 700	"
1922	29 000	"
1924	36 192	"
1927	42 843	"
1931	59 493	"
1940	44 083	"

Se a estes dados juntarmos a população branca recenseada em 1950 (78.903), teremos elementos para verificar característicos de cêrca de um século de evolução demográfica.

São estes, em primeiro lugar, um acentuado crescimento resultante principalmente da imigração, elevando o número de brancos para mais de 59.000 pessoas em 1931. Em segundo lugar, um decréscimo sensível na população branca entre 1931 e 1940 que só pode ser justificável por uma emigração angolana motivada por depressão econômica-financeira. O terceiro característico é o expressivo aumento verificado na década 1940-1950, que corresponde a um acréscimo de 78,9% de população branca, resultante, sem dúvida, de uma nova política imigratória de Portugal.

A nosso ver, Angola evoluiu do ponto de vista colonial da seguinte forma: foi colônia de posição nos primeiros séculos de sua existência; a seguir passou a ser colônia de enquadramento, com uma minoria branca explorando o território e fornecendo escravos, principalmente para o Brasil. Atualmente, é uma colônia de povoamento, pelos característicos que lhe emprestam sua organização administrativa atual.

Transformado oficialmente em Província, no ano de 1951, a imigração e a colonização na Angola sofreram um enorme impulso. A situação hoje existente na Angola não pode ainda ser comparada com a encontrada no Brasil, no que diz respeito a colonização do território. Mas, basta comparar as taxas de crescimento da população branca, negra e mestiça da ex-colônia portuguesa para verificarmos que novos rumos estão sendo imprimidos a colonização daquele território africano.

	1940	1950	% de aumento
Branços	44.083	78.903	78,9%
Negros	3.700.000	4.036.813	9,8%
Mestiços	28.035	29.550	5,4%
	3.772.118	4.145.266	

(2) THOMAZ DOS SANTOS; A. C. VALDEZ — "Angola, coração do Império" — pág. 39.

É de se notar que na década 1940-50, o acréscimo da população mestiça foi muito reduzido, o que pode ser explicado pela imigração de numerosas famílias ou casais brancos para Angola, ou pelo rigorismo dos censos na distinção entre negros e brancos, colocando muitos mestiços como negros, fato não inteiramente desconhecido pelos que têm estudado a população angolana.

A grande massa populacional negra encontra-se espalhada pelo país vivendo ainda em grande atraso cultural. Tal característico, aliás não é próprio e único da Angola, pois o mesmo fato verificamos em quase toda a África Tropical, no Senegal, na Guiné, na Costa do Ouro, na costa do Maríim, na Nigéria, na República do Congo e no ex-Congo Belga. O índice de analfabetismo é elevado, mas há uma visível diferença entre os negros de Angola e os de outras partes da África: a educação. O preto de Angola supre a falta de instrução pela educação, pela maneira respeitosa de tratar o branco ou, até mesmo, de dirigir-se a um branco.

Pode-se distinguir na ocupação do solo de Angola a que é feita pelos indígenas ou pelos brancos. Os primeiros, são comumente denominados cultivadores ou agricultores. Os cultivadores são aqueles que praticam a agricultura itinerante, na Angola denominada "divagante", e que corresponde a nossa roça ou a outros nomes que se tem dado a este processo de cultivo da terra (3).

Já os agricultores empregam a charrua e conhecem uma técnica agrícola mais elevada.

O número de cultivadores e agricultores indígenas deve atingir a casa de 800.000 pessoas, das quais a maior parte é formada por cultivadores.

Os europeus, portugueses em sua esmagadora maioria, dedicam-se ao cultivo do café, cana, sisal, milho e trigo e suas propriedades são de tamanhos variados, do minifúndio ao latifúndio.

A política agrária posta em prática pelos portugueses na Angola visa, evidentemente, aumentar a produção da província através de um plano que prevê, entre outras coisas, a fixação do homem ao solo. Na execução desse plano, tem sido olhada com muito carinho a estabilização da agricultura indígena, através da difusão da técnica de irrigação, da construção de terraços para controle da erosão, da distribuição de sementes, adubos, instrumentos agrícolas, etc.

O quadro anexo dá-nos uma idéia dos trabalhos desenvolvidos, dos quais os realizados no vale do Queve foram por nós observados de perto (Tabela 1).

* * *

(3) PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — "Panorama do Mundo Tropical" — pág. 91.

TABELA 1
 JUNTA DE EXPORTAÇÃO DOS CEREAIS
 SERVIÇOS TÉCNICOS
 ESTABILIZAÇÃO DA AGRICULTURA INDÍGENA

Zonas de trabalho	Hectares defen- didos em lavras isoladas	Hectares defen- didos em con- trações	Currais	Tanques para rega	Casas construídas	Reprêsas	Adubos	Famílias interessadas	
								Inicial	atual
Caconda	181,99	216,38	—	—	8	—	9.212	368	349
Caluquembe	2.077,89	233,96	—	—	2	—	5.500	286	402
Chilata	1.999,26	555,591	941	—	9	—	9.416	198	180
Chinguar	5.383,99	100	207	1	3	—	8.000	123	87
Cumbira	2.942,28	130	105	1	9	—	37.000	—	160
Gamba	841,216	322,39	43	—	—	—	4.092	270	181
Luimbale	68,730	110	—	2	9	1	30.000	—	49
Nova Sintra	487,46	700	181	—	—	—	—	150	150
Quipeio	2.661,32	—	1.627	—	—	—	—	—	—
Vale do Queve ..	—	83,45	121	1	12	1	35.000	150	70
G. Machado	830,79	1.130	82	—	8	—	30.000	242	116
TOTAIS	17.473,926	3.581,771	3.308	5	60	2	168.220	1.787	1.744

Serviços Técnicos da Junta de Exportação dos Cereais, em Nova Lisboa, 31 de Dezembro de 1958.

O Serviço de Estabilização da Agricultura Indígena no vale do Queve, próximo a Nova Lisboa iniciou um ensaio de colonato para negros — o núcleo da Cachaca.

Em 83 hectares de terras estão alojadas 35 famílias, às quais juntar-se-ão outras tantas. Cada família recebeu uma casa com quintal, onde cultivam milho, feijão e rícino. Já estão preparados para o plantio cêrca de 15 hectares de terras.

A direção do núcleo conta com um regente agrícola, um prático agrícola e cinco capatazes. Esses elementos representam localmente o Serviço de Estabilização da Agricultura Indígena e procuram, antes de mais nada, despertar o interêsse dos pretos pela prática da irrigação que serve como elemento fixador do homem ao solo.

Com o trabalho dos indígenas foi construída uma pequena barragem e açude correspondente, fornecendo desde já aos mesmos, meio hectare de terras de regadio para cada família. Ao mesmo tempo, construíram-se anteparos contra a erosão e o cultivo se processa em curvas de nível.

A utilização da água na irrigação das culturas, despertou o interêsse dos negros que começaram a melhorar as lavouras. Tal aspecto constituiu fator importante, pois dado o progresso do núcleo, muitos indígenas que tinham-nos abandonado começaram a retornar, ao mesmo. O retôrno desses elementos inicialmente incrédulos quanto às vantagens das novas técnicas, corresponde, a nosso ver, a uma importante vitória do homem contra o meio cultural e comprova o acêrto da orientação dada ao núcleo.

O núcleo da Cachaca ainda não está terminado: resta a construção de muitas outras casas, de uma escola e igreja, de um posto de saúde, etc. .

A idéia é entregar uma média de um a três hectares de terras por família. As atuais 35 famílias que lá estão localizadas correspondem a 150 pessoas, que durante os três primeiros anos (1958-1960) nada pagarão ao Estado. A repartição das terras é assistida pela autoridade gentílica (Soba) que é o regedor do agregado (espécie de prefeito) e responsável perante o chefe do posto indígena (um funcionário administrativo português).

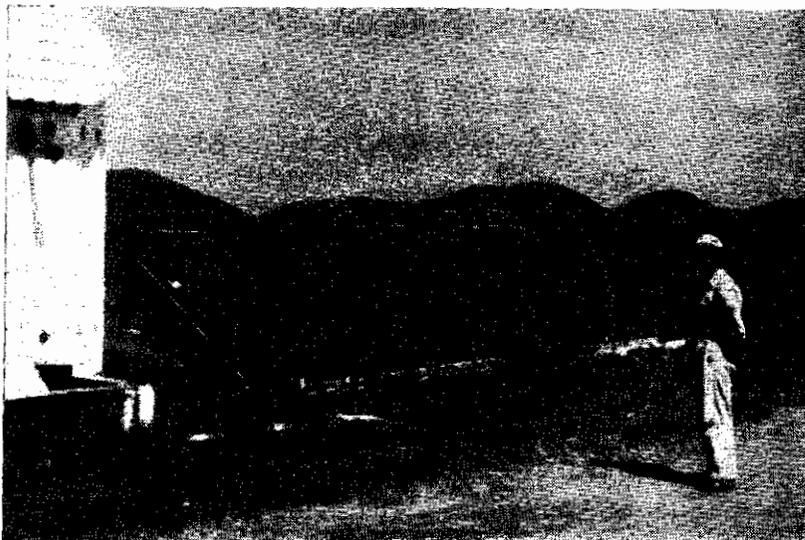
O núcleo da Cachaca, apesar de muito novo ainda, já apresenta resultados animadores. Os próprios indígenas mantêm viveiros para o fornecimento de mudas de árvores frutíferas e de café, conforme solicitações feitas pelos mesmos à administração do núcleo.

Os técnicos portugueses esperam obter no núcleo citado, um desenvolvimento comparável ao conseguido no da Caconda onde vivem 800 famílias, praticando culturas de sequeiro e irrigadas.

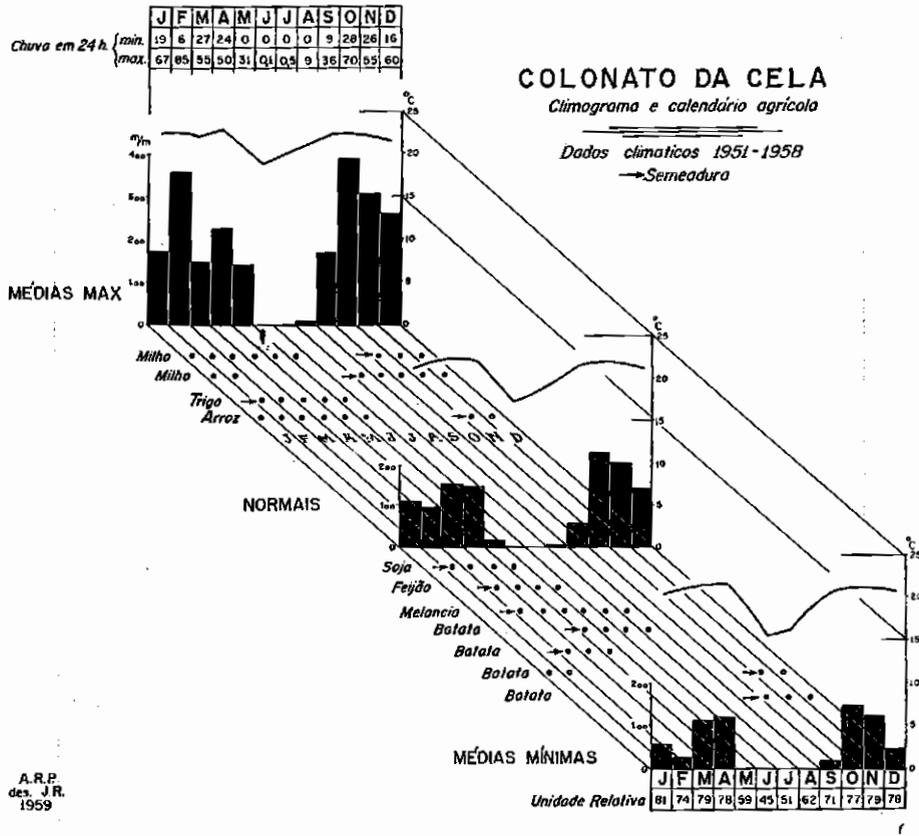
* * *



Foros 1 e 2 — Aspectos parciais do Núcleo de Cachaca. Na foto superior grupo de mulheres e crianças pertencentes à famílias do núcleo. Na foto inferior instalações provisórias destinadas aos negros, notando-se duas choças de ramagens ao lado de uma casa de barrote parcialmente rebocada. (Fotos do autor).



Foros 3 e 4 — Vistas parciais do Colono da Cela. Na foto superior, casa de contróle e canal de rega na planície do rio Quissaúla. Na foto inferior, vista da "baixada" da Cela, tendo em primeiro plano a aldeia de Vimieiro. "Habitat" fortemente nucleado. Note-se a aspeza das formas de relêvo. (Fotos do autor).



Outras modalidades de ocupação do solo da Angola constituem os colonatos para brancos. O exemplo mais interessante é o da Cella, por nós estudado (4), no qual mais de 250 famílias correspondendo a cerca de 1.700 pessoas foram instaladas numa área de 17.000 hectares.

Nesse colonato, o trabalho do negro é proibido, devendo todo êle ser fruto do esforço do imigrante chegado da metrópole ou de outros territórios ultramarinos portugueses.

O "habitat" do colonato é caracterizado pelo aspecto europeu-mediterrâneo: aldeias com seus campos de cultivo distribuídos em redor das casas e com uma área de pastagens comuns.

(4) PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — "O Colonato da Cella (Angola): um exemplo de colonização branca na África negra".

As doze aldeias, com suas diferentes estruturas quebram a monotonia que poderia ter o "habitat" caso a uniformização fôsse total.

Os rendimentos obtidos na Cela têm alcançado bons índices, chegando a 3.000 quilos de arroz por hectare, 60.000 quilos de tomates por hectare, 20.000 quilos de batata por hectare. As perspectivas que se abrem para êste colonato são as mais risonhas possíveis e parecem indicar ao mesmo um futuro dos mais promissores.

Um dos colonos que visitamos em 1959, era um português, Sr. Athaide de Carvalho, que tinha chegado de Coimbra havia cinco anos. Sua propriedade, denominada "Quinta das Flôres" em homenagem a uma homônima da metrópole, possuía cêrca de 40 hectares, dos quais 25 a 30 estavam cultivados com 300 pereiras, 4000 laranjeiras, limoeiros e tangerinas e 200 macieiras, cujas frutas vendidas ao hospital da sede do colonato (aldeia de Santa Comba Dão) e a representantes de casas comerciais de Nova Lisbôa, asseguravam seu sustento e de sua família. Além disso o sr. Carvalho vende muda de plantas para outros colonos ou pessoas interessadas. Mantém na sua "Quinta" culturas subsidiárias, como a do café (5000 pés de café caturra) que se encontra ainda em formação.

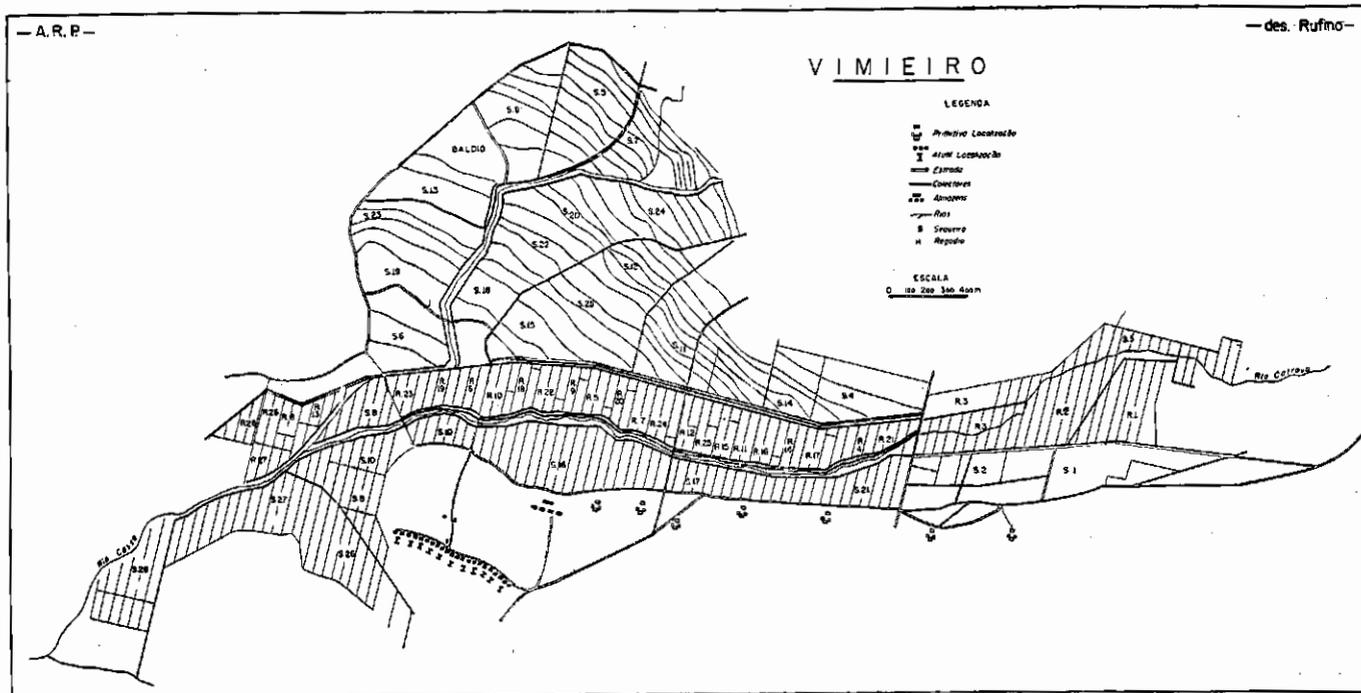
O sr. Carvalho, ainda não pagou ao Estado metade do que deve, mas trabalha de sol a sol, aparentemente satisfeito, ao lado de sua espôsa e cinco descendentes. Como o trabalho é muito, já contratou um casal de portugueses de Amarante como trabalhadores agrícolas diaristas.

Tôda a família do sr. Carvalho trabalha na "Quinta"; seu filho mais velho (16 anos) é tratorista; os dois menores ajudam na agricultura; as moças auxiliam-no cuidando das sete vacas que possui ou tratando dos trabalhos de enxertia. Hoje, o sr. Carvalho considera-se um homem vitorioso na sua experiência africana; sua propriedade, além do mais dispõe de um trator e uma charrua com grade. Para um homem que chegou ao colonato com dez contos portugueses no bolso, o resultado que obteve em cinco anos de labuta não pode deixar de ser animador.

O maior problema que enfrenta o colono citado é o da água, que constitui, aliás, a principal situação a ser resolvida por todos os colonos em virtude das condições climáticas da baixada da Cela que regulam o calendário agrícola do Colonato e que estão representadas no climograma respectivo (5).

Daí terem sido necessários a execução de uma série de trabalhos de drenagem da antiga baixada e de irrigação das terras do atual colonato. A água tornou-se elemento precioso e indispensável à vida de todos os colonos, e como tal é cuidadosamente distribuída.

(5) PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — Obra citada.



A mais antiga aldeia do colonato, de forma linear. Tal estrutura foi abandonada por trazer dificuldades aos colonos, tais como: distância da escola-igreja, dos campos de cultivo, dos próprios colonos entre si, etc.

Os frutos do trabalho na Ceta estão expostos nas tabelas 2 e 3, pelas quais se verifica a superfície, em hectares, ocupada pelas diferentes lavouras, assim como a distribuição do galo pelas aldeias. Maiores detalhes sobre o colonato são encontrados no estudo já anteriormente citado. (6).

* * *

Na moderna orientação que vem sendo dado ao problema da utilização do solo angolano pelos portugueses, existe um outro ensaio que visitamos: a Fazenda Experimental do Bengo, situada a cerca de 25 kms. a NE de Luanda, junto ao baixo curso do rio Bengo.

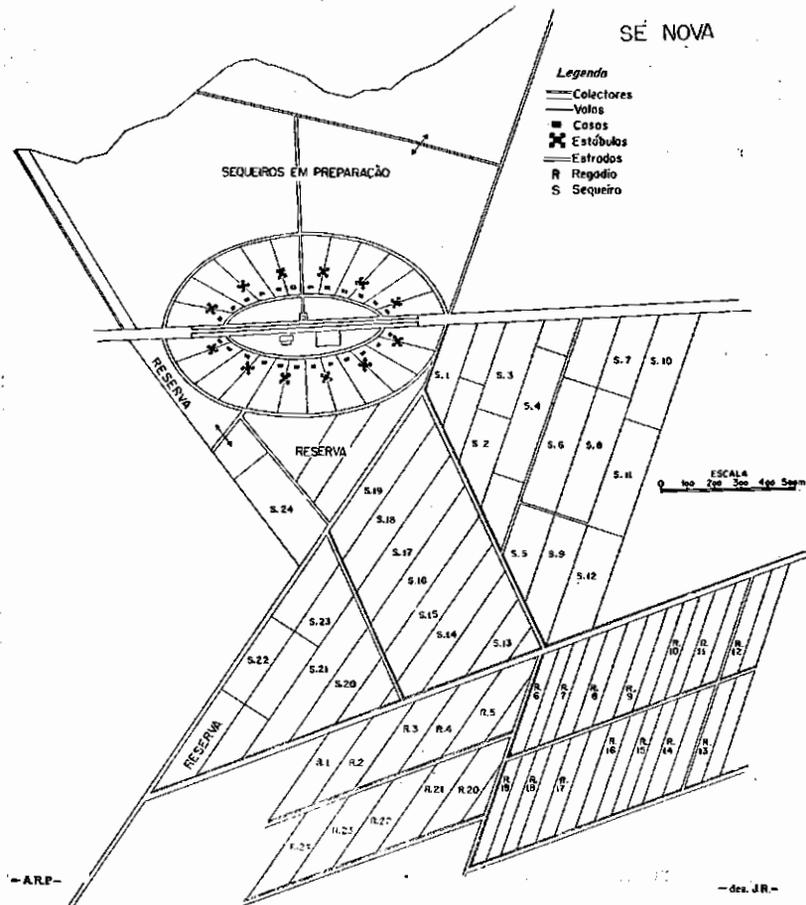
As finalidades do citado empreendimento são as seguintes: a) procurar obter produtos agrícolas e pecuários destinados ao abastecimento da cidade de Luanda (141.000 hab.), e mesmo exportar os excedentes; b) estudar e determinar quais os sistemas de irrigação e métodos de culturas mais aconselháveis aos solos da região; c) estudar e determinar quais as plantas que mais se adaptam as condições regionais; d) prestar assistência técnica aos lavradores e criadores que se estabeleceram na Fazenda Experimental.

Trata-se portanto de um empreendimento agro-pastoril de finalidade econômica e não de uma estação experimental pura e simples. Dada entretanto a natureza dos trabalhos ali desenvolvidos, a parte experimental e científica coexiste com a de finalidade econômica.

Os trabalhos desenvolvem-se numa área de 1.100 hectares, dos quais 320 são irrigados; tiveram início em 1957 com a construção de diques e valas para dissecamento da várzea do Bengo e para defender a área da fazenda contra as inundações provocadas, pelas cheias do referido rio. Em fins de 1958 já estava terminada a construção do sistema de irrigação e drenagem, assim como a de terraços em curvas de nível para receber as futuras lavouras da fazenda.

A Junta do Povoamento Agrário do Bengo, procura ocupar da melhor maneira possível as terras da fazenda experimental: as de aluvião, junto ao rio, foram reservadas para ensaios agrícolas com árvores frutíferas, palmares e outras espécies arbóreas. Esta parte da fazenda, com 81,1 hectares de extensão é constituída pelos melhores solos da mesma, visto suas origens ligarem-se ao material depósito pelas enchentes do rio. A ela juntam-se cerca de 60 outros hectares de terras, situados ao sul da linha férrea e que se

(6) PENTEADO, ANTÓNIO ROCHA — "O colonato da Ceta (Angola): um exemplo de colonização branca na África Negra".



“Habitat” concentrado. Para cada duas casas um armazém; campos de sequeiro e de rega distribuidos em tórno da aldeia.

estendem até a cota de 15 m. de altura: são as terras destinadas às lavouras de feijão, batata doce, arroz, amendoim, soja, juta, buni-lha, etc., nunca variedade muito intensa, à procura de bons resul-tados agrícolas. Segue-se a terceira e maior parte da fazenda, que da cota dos 15 m. vai até cerca de 50 m. de altura: dos 15 aos 25 m., as famosas terras pretas angolanas, conhecidas como “terras pretas de Catete”, com 0,50 m. de espessura e de base calcárea, ex-celentes para o cultivo do algodão, constituindo um tipo de “black cotton soils”; dos 25 m. de altura em diante, o solo torna-se parti-cularmente arenoso, indo formar o lençol de areias que constitui o

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO
DAS CULTURAS

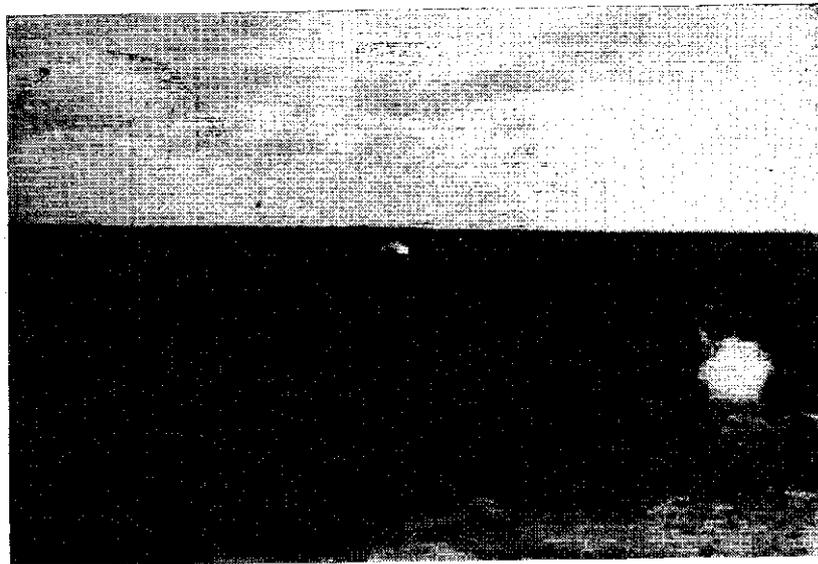
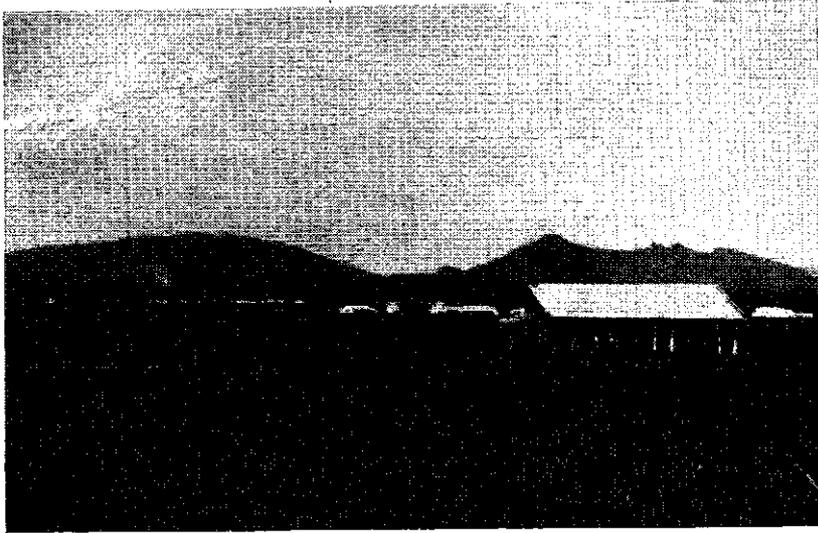
A — ZONA I

Vimieiro	61	—	9	2,25	7,50	1,40	270	240	2,10	—
Freixo	163	1,00	85,70	24,20	43,20	3,20	270	476	6,20	1,25
S. Tiago da Adeganha	144,90	—	149,10	29,45	22	5,40	1.560	3.250	7,80	13,62
Pena	137,25	—	240	2,40	22,10	30,95	1.035	825	6,40	0,10
Gradil	215,54	—	91,20	14,70	2,60	3,25	501	1.034	4,80	0,47
Monsanto	245,56	—	210	1	1	17,45	115	1.468	5,20	—
S. Isabel	184,25	—	123,75	5,05	11	2,90	527	303	5,95	1,63

B — ZONA II

Carrasqueira	260,65	—	119,50	4	1,30	46,10	—	2.420	6,20	—
Lardosa	214,51	—	86,45	12,35	2,35	47,55	—	1.212	4,85	2,52
Sé Nova	282,60	1,00	37,80	—	10,11	35,09	—	429	5,73	12,20
Vila Viçosa	262,50	—	85,90	—	2,30	42,91	—	120	7,14	0,25
Alqueidão	26	—	90	—	3,50	10	—	288	5,20	—

Milho	Forra- gem	Arroz	Soja	Feijão	Batata	Ananás	Árvores de fruto	Horti- cultura	Culturas diversas
2.197,76	2,00	1.328,40	95,40	128,96	246,20	4.278	12.065	67,57	32,04



Foros 5 e 6 — Na foto superior vista das aldeias de Sé Nova e Vila Viçosa, no Colono da Cela, rodeadas por campos de cultivos numa verdadeira "superimposição" do homem ao relevo. Na foto inferior vê-se um panorama da Faz. Experimental do Bengo. No primeiro plano, a várzea do rio já preparada para o cultivo. Note-se a tabularidade do planalto de Muçiques, que constitui o pano de fundo da paisagem.

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DE GADO POR ALDEIAS

A — ZONA I

Vimieiro	13
Freixo	36
S. Tiago da Adeganha	48
Pena	24
Gradil	91
Monsanto	70
S. Isabel	75

B — ZONA II

Carrasqueira	76
Lardosa	80
Sé Nova	90
Vila Viçosa	78
Alqueidão	36

TOTAL

	Bois de tracção	Vacas leiteiras	Carneiros	Ovelhas	Suínos	Galinhas	Diversos
	13	9	77	15	12	295	129
	36	17	—	21	175	421	436
	48	42	130	30	168	672	257
	24	11	4	4	188	437	401
	91	—	—	1	129	426	182
	70	6	—	1	310	712	386
	75	—	—	1	97	150	109
	76	3	—	26	114	223	168
	80	16	50	23	156	310	265
	90	13	—	20	131	437	233
	78	21	43	48	286	585	298
	36	—	—	6	45	72	14
TOTAL	717	138	304	196	1.811	4.740	2.878

chamado "planalto de Muceques" que domina a região de Luanda. Nessa terceira parte da fazenda, serão feitas as plantações de algodão e milho (até o nível de 25 m.) e serão plantadas leguminosas e outras forrageiras (até o nível de 30-35 m.), enquanto nos trechos arenosos plantar-se-ão, fumo, abacaxi, mandioca, etc.. Os serviços de preparação das terras foram contratados pela já citada Junta de Povoamento com uma companhia norte-americana. Os estudos realizados por esta última empresa tiveram por base o levantamento aerofotogramétrico do baixo vale do rio Bengo. Esperam os portugueses que em 1965 a fazenda experimental esteja em pleno funcionamento, pois ainda restam inúmeros trabalhos a fazer, tais como a construção de habitações para as 2.500 famílias de imigrantes que aí serão localizadas, o estudo detalhado do custo da produção agrícola e sua rentabilidade, o estudo do número de regas que deverão ser efetuadas e da quantidade de água necessária a cada tipo de cultura a ser introduzida, a construção de edifícios para a instalação de máquinas e motores. Além disso é preciso não esquecer a necessidade da permanência de pessoal técnico especializado, que poderá sair do núcleo do serviço agrônomo local (Brigada Agrônoma) ou que deverá ser trazido da metrópole.

O capital, ainda que pequeno, aliado à técnica moderna constitui uma das bases deste exemplo de recuperação de solos e de reerguimento econômico de uma região. Todavia, os estudos feitos na região, preconizando o emprêgo de terraços e muretas para deter a erosão pluvial provocada pela queda de até 120 mm de chuva (Luanda, distante cerca de 25 km. tem 365 mm anuais de chuva) não conseguiram impedir os estragos de uma chuvada (janeiro, 1959), que fez cair 170 mm de chuva em duas horas de precipitações contínuas. Tal aspecto deste problema demonstra muito bem, o limitado papel reservado à aerofotogrametria em planejamentos dessa natureza, pois graças a localização da região dentro da faixa dos trópicos a instabilidade pluviométrica pode ocasionar desastres deste tipo (17), cujos danos não foram maiores por não estarem ainda os colonos, com suas lavouras, instalados no vale do Bengo.

Dêsse desastre os técnicos portugueses devem ter tirado uma grande lição, qual seja a da necessidade de nada improvisar-se em latitudes tropicais e de, ao contrário, realizar ensaios e tentativas de ocupação das terras mediante as próprias experiências e exigências das condições locais ambientes.

* * *

(7) PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — "Panorama do Mundo Tropical", pág. 89.

A iniciativa particular na Angola também tem procurado melhorar as condições de produção. Assim é na região de Nova Lisboa, o caso da colina de Bandagira onde seu proprietário realiza uma agricultura de base racional e moderna.

Tenho solicitado que fossem realizados exames de amostras de solos, dividiu a propriedade em partes a fim de praticar a rotação de culturas e de terras. Em 59,32 hect. numa rotação de quatro anos foram plantados milho, batata, trigo e leguminosas, após o que este primeiro trecho foi cultivado por mais outros quatro anos com capim Rhodes e Panicum Sp; em outros 22,77 hect., foram plantados durante seis anos capim elefante, seguidos de mais dois anos de lavoura de milho; um terceiro trecho, com 19,80 hect. foi reservado para pasto permanente com plantações de capim do nilo e kikuio; 31,29 hect. ainda conservam a mata tropical de altitude; os restantes 21,44 hect. são reservados para recolher o gado e outros serviços referentes a venda dos animais.

Todos os estudos relativos a análise das terras, escolha das áreas de pastos e lavouras, rotação das terras e das culturas, foram executados por organismos do governo, através da Brigada Agronômica e serviços equivalentes.

O atual proprietário pagará ao Estado as despesas por este efetuado, em cerca de vinte anos de prazo.

Os fatos aqui apresentados demonstram a orientação que vem sendo dada à agricultura na Angola; europeus e indígenas têm procurado os serviços das Juntas de exportação de cereais, de café, de algodão, etc., e solicitado sementes, orientação e serviços técnicos destes órgãos de governo, conforme demonstram os dados seguintes (Tabelas 4 e 5).

Alguns aspectos das duas maiores cidades angolanas. — O desenvolvimento da vida urbana na Angola é um fenómeno digno de ser bem estudado, pois pelo que observamos o crescimento demográfico das cidades angolanas nestes últimos vinte anos está ligado, sem dúvida, à migração rural-urbana.

O fenómeno não é exclusivamente angolano: o mesmo notamos em toda a África Negra; onde as grandes cidades possuem entre outros, o problema do alojamento, de alimentação e do desemprego. Daí o desenvolvimento de verdadeiras favelas ou "bidonvilles" em Dacar, Conacri, Abidjan, Lagos, Brazzaville e Leopoldville. Fora da África, o problema é conhecido na América Latina e mesmo no Brasil, onde tal aspecto da geografia urbana já tem sido estudado em relação as grandes metrópoles do país (São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Recife, Salvador, etc.).

TABELA 4
CAMPANHA DE MILHO DE 1957/58

Distritos	Ind. Inter.	Quilos	Eur. Inter.	Quilos	TOTAIS	
					Inter.	Quilos
Huambo	28.784	2.148.006	25	13.220	28.809	2.161.226
Benguela	10.279	617.295	10	12.900	10.289	630.195
Cuanza Sul	3.399	104.394,10	32	19.444,50	3.431	123.838,60
Biê-Cuando-Cubango	23.238	906.944	20	6.370	23.258	913.314
Huíla	8.439	381.724,5	108	39.080	8.547	420.804,5
Malange	22.728	768.868	25	26.299,60	22.753	795.167,60
Moxico	—	4.852	—	—	—	—
Totais	96.867	4.932.083,60	220	117.314,10	97.087	5.044.545,70

a) Distribuição feita pela distribuição Administrativa.

TABELA 5
CAMPANHA DE TRIGO DE 1958

Distritos	Indig. Interes.	Quilos Dist.	Europ. Interes.	Quilos Dist.
Huambo	15.765	1.842.520	87	110.337
Benguela	3.228	504.770	11	26.200
Cuanza Sul	278	43.800	5	8.520
Biê-Cuando-Cubango	8.710	919.358	44	36.134
Huíla	5.400	593.899	244	170.653
Malange	—	—	1	9.000
Totais	33.381	3.904.347	392	360.844

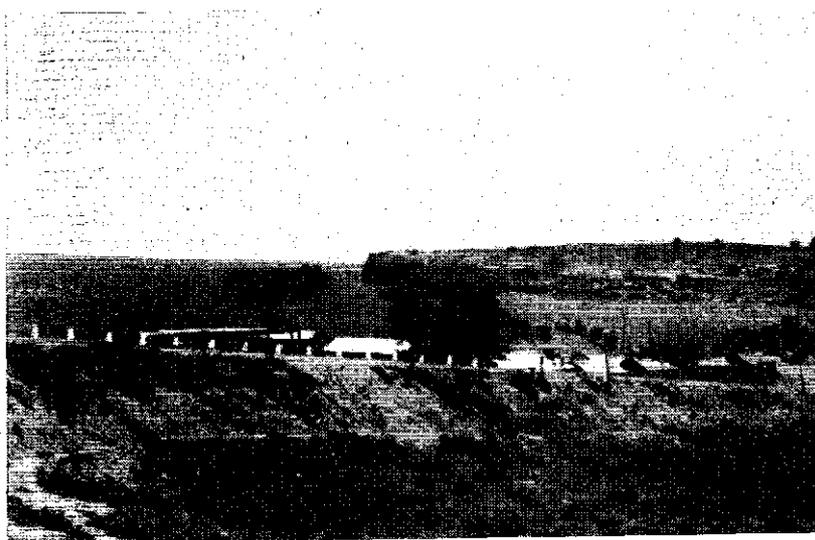
A população das principais cidades da Angola, em 1940 e 1950, apresentavam os seguintes característicos:

	1940	1950
Luanda	61.028	141.722
Nova Lisboa	16.288	28.297
Lobito	13.592	23.897
Benguela	14.243	14.690
Sá da Bandeira	8.521	11.657
Malange	5.299	9.473
Moçâmedes	4.926	8.576
Total	128.568	247.152

Nota-se que Luanda apresenta um aumento populacional extraordinário (132 %); Nova Lisboa, Lobito, Sá da Bandeira, Malange e Moçâmedes, tiveram um crescimento notável.

Os habitantes de Luanda em 1950 constituíam um aglomerado mais importante do que a população (em 1940) do conjunto das demais cidades citadas. Proporcionalmente aos anos de 1940 e 1950, vê-se que a população de Luanda corresponde a quase 50% dos habitantes citadinos registrados em 1940 e a mais da metade dos que residiam em áreas urbanas em 1950.

O crescimento demográfico de Luanda é bastante expressivo, ainda mais se levarmos em conta o número de habitantes de cor branca: 8.944 em 1940 e 20.710 em 1950. A cifra referente ao censo de 1950 corresponde a mais de 25% dos brancos existentes em Angola nesse ano.



Fotos 7 e 8 — Na foto superior vê-se trecho do litoral de Angola no N. de Luanda. Costas altas, verdadeiras falésias com cerca de 50 m de altura. Na fotografia inferior, uma vista parcial de Luanda, nela percebendo-se: a estreita planície litorânea, a "barroca" e o planalto de Muçiques. O grande edifício à direita é a sede do Banco de Angola. No primeiro plano as águas da falsa baía de Luanda. (Fotos do autor).

Só êstes elementos citados servem para destacar Luanda das demais cidades da província, cuja população total, correspondia em 1950, a 6% dos habitantes da Angola (3, 4% em 1940).

Devido à posição de marginalidade que ocupa, Luanda é uma cidade excêntrica em relação ao território angolano.

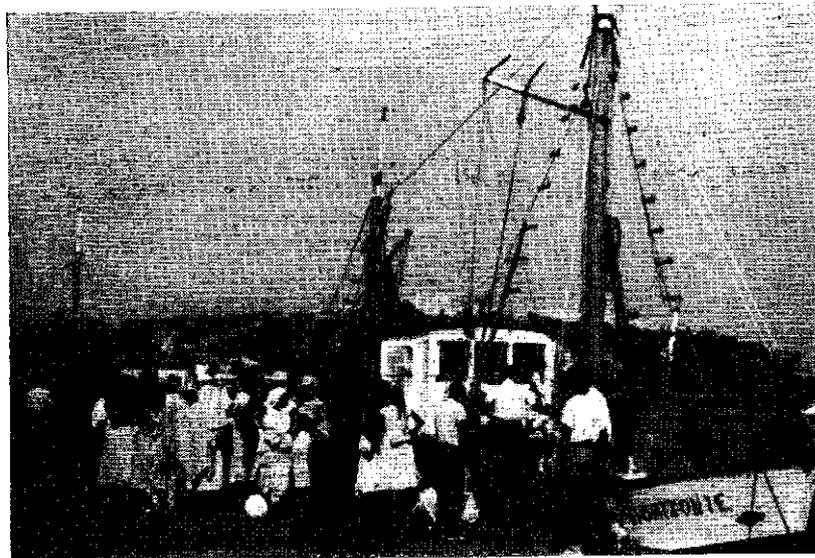
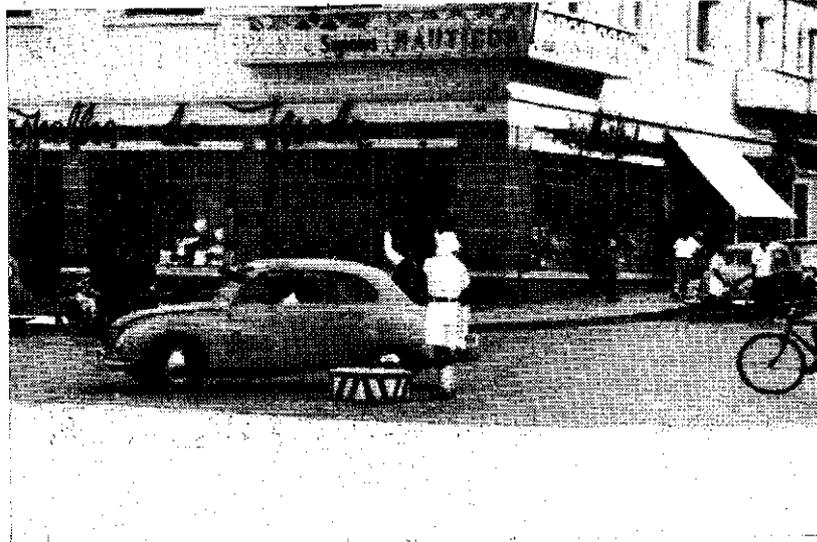
Seu sítio é dominado pela presença de uma falsa baía — A Baía de Luanda —, que numa costa retilínea e escarpada como a da Angola constituiu ponto de atração para o incipiente povoamento do século XVI.

Como elementos principais do sítio de Luanda e de sua evolução, devem ser acrescentados: uma ilha fronteira, rasa e arenosa, verdadeira restinga, que constituiu a margem esquerda ou ocidental da falsa baía e que ainda desempenha o papel de um quebra-mar natural; uma faixa litorânea, estreita e arenosa como a ilha de Luanda, localizada entre as águas da citada baía e o “tabuleiro” arenoso de Muçiques (denominado planalto de Muçiques) que serve de pano de fundo à paisagem desoladora, ensolarada, quente e seca do local; um retalho do “tabuleiro” arenoso de Muçiques, situado na extremidade sudoeste da falsa Baía de Luanda, que nada mais é do que um testemunho de erosão da estrutura tabuliforme do já citado planalto de Muçiques, e denominado morro de São Miguel.

As curvas de níveis dos 40-50 m. de altura, delimitam bem, através de um forte escarpamento as duas partes da cidade: a *baixa*, junto ao pôrto, com o centro comercial ativo, hotéis e bancos, prédios de apartamentos, etc., é a *cidade antiga* denunciada pela estrutura urbana desordenada com seus becos e vielas; a outra parte de Luanda é a *cidade alta*, mais moderna, tipicamente residencial, com uma estrutura muito diversa daquela encontrada na parte baixa, com largas e extensas avenidas, com bairros residenciais de nível elevado, mas apresentando em seus limites ocidentais ampla proliferação de favelas.

Luanda chega a lembrar Salvador, embora não possua elevadores públicos; mas tem suas ladeiras, e o acesso a pé, da “baixa” para a “alta”, é realmente cansativo, em virtude da forte declividade apresentada pela escarpa do “tabuleiro” de Muçiques, réplica das barreiras nordestinas e ali denominadas “barrocas”.

As origens da cidade datam da segunda metade do século XVI, quando foi instalado na ilha de Luanda, fronteira à atual cidade e primeiro estabelecimento português de Paulo Dias de Novais. Poucos meses mais tarde, em 1576, o incipiente aglomerado foi transferido pelo citado governador para o continente linceiro, onde o testemunho tabuliforme, atualmente chamado morro de São Miguel, constituía excelente sítio para fixação dos conquistadores. Surgiu assim a vila-fortaleza de São Paulo de Luanda, abrigada no forte de N. Sr.^a da Guia, erguido por Dias de Novais, ali permanecendo



Foros 9 e 10 — Na foto superior cena de uma das ruas centrais da cidade baixa, zona tipicamente comercial de Luanda. Na foto inferior, cais de pescadores em Luanda, notando-se o grande número de pretos empregados neste mister. Ao fundo o retalho de tabuleiro, onde se encontra o forte de S. Miguel e antigo sitio da primitiva Luanda. (Fotos do autor).

até a última década do século XVI. Foi só no século seguinte, que Luanda expandiu-se pela área da atual cidade baixa; nessa ocasião foi invadida e ocupada pelos holandeses, de lá expulsos por Salvador Correia de Sá e Benevides em 1648.

Dai em diante a cidade progrediu lentamente, galgando o tabuleiro (planalto de Muçiques) pois que datam do século XVII a conclusão das ladeiras que uniam as duas partes da cidade (as calçadas do Aragão e de Pelourinho).

Dos 400 habitantes existentes em 1621, passou Luanda a ter mais de 6.500 em 1800. Estava firmada a posição preponderante que passou a ser desfrutada pela antiga vila de Dias de Novais.

Com o crescimento da cidade, novos fortes, casa da alfândega, igrejas, hospitais, etc. foram edificadas.

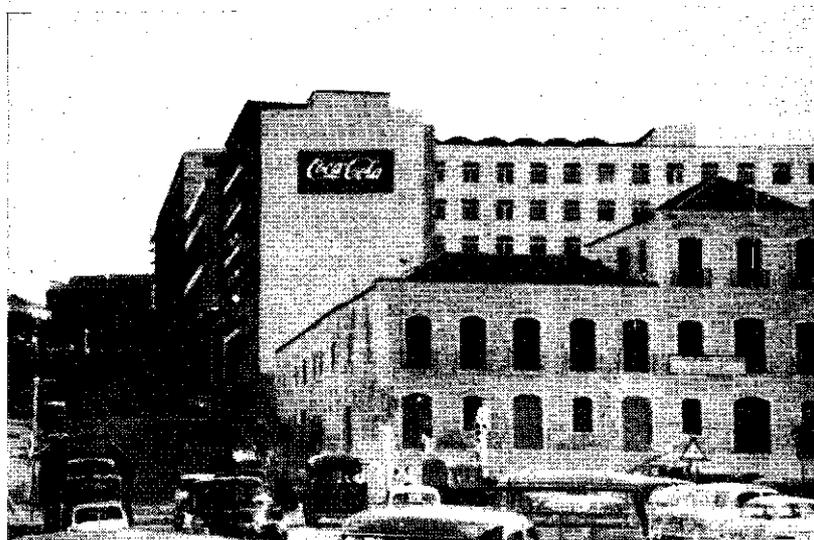
Em 1959, com seus 150.000 habitantes Luanda já se apresentava como um ativo centro urbano. Suas funções são as mais importantes: Sede do Governo da Província, centro econômico-financeiro, possui também Luanda as funções de centro estudantil e hospitalar. Tem desempenhado para os europeus que vivem na África Central a função de estação de veraneio, graças aos seus hotéis, suas praias de banho e atrativos turísticos de seus arredores.

A agitação da vida urbana de Luanda, lembra a de muitas cidades brasileiras. Existe uma verdadeira febre de construções: um expressivo número de arranha-céus estão sendo erguidos na cidade baixa, cuja, Avenida Beira-Mar pretende no dizer dos luandenses, imitar Copacabana. Ali, os pequenos funcionários, os coletores de lixo, os porteiros e criados dos hotéis, os motoristas de taxis, os garçons dos bares e restaurantes, os balconistas das casas comerciais, os pedreiros, etc., são quase todos brancos.

Trata-se de gente humilde, de poucos recursos, que emigram para a África à procura de melhores dias. Que diferença com situações semelhantes que verificamos existir em outros territórios africanos, onde o branco sempre ocupa posições de destaques social e econômico.

A circulação urbana é garantida pelas linhas de "maxibombos", ônibus semelhantes aos que conhecemos no Brasil, onde viajam, lado a lado, negros e brancos à procura de diferentes destinos. Tal fato não registamos em nenhuma das cidades que visitamos desde Dacar até Leopoldville, pois nelas o transporte coletivo em pequenos micro-ônibus ou camionetes é destinado, exclusivamente, aos pretos.

Ainda o grande problema de Luanda continua a ser o da água, tal como já o era no início de sua história. Os antigos poços ou "maiangas" e a canalização iniciada e abandonada durante a ocupação holandesa para levar a Luanda águas do rio Cuanga não resolveram o problema do abastecimento da capital.



Foros 11 e 12 — Duas vistas da cidade baixa de Luanda. Em ambas percebe-se como a separação entre as duas principais partes da cidade é bastante nitida. Na foto superior vê-se o colégio S. José de Cluny, dominando a paisagem urbana desse trecho de Luanda. Na fotografia inferior notam-se contrastes da cidade: os velhos prédios de arquitetura portuguesa típica vão cedendo lugar aos modernos edifícios de apartamentos.

Até hoje Luanda sofre as consequências da presença de um sistema antiquado de transporte do precioso líquido, do vale do Bengo até os reservatórios da capital. A água é mal tratada e de má qualidade.

Já o problema de abastecimento em gêneros alimentícios estará praticamente resolvido com o funcionamento da Fazenda Experimental do Bengo.

* * *

Nova Lisboa é a capital “de direiro” de Angola, muito embora Luanda seja-a de fato, pois que desde 1928 já ficara estabelecido por lei, que a capital da então colônia seria transferida para o planalto.

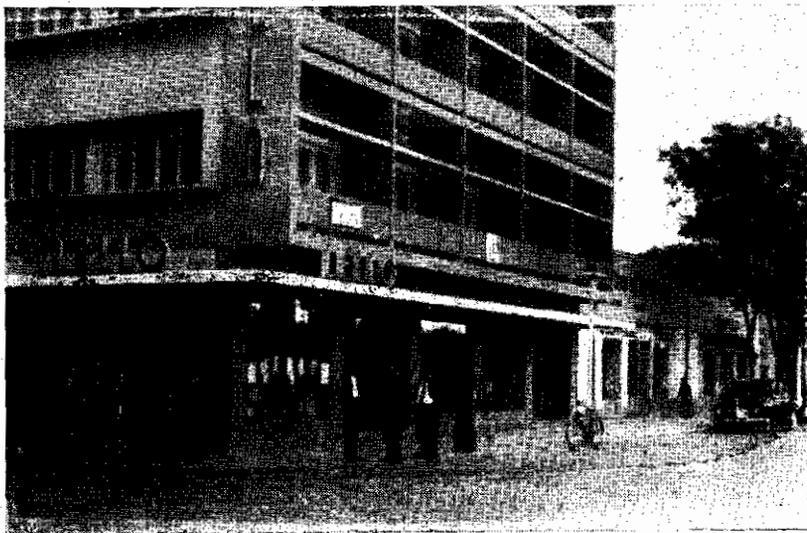
Os motivos da interiorização da capital da Angola foram muitos parecidos com aqueles que presidiram a recém instalação de Brasília, acrescidos pela grande vantagem que a antiga cidade de Huambo apresenta sobre Luanda: 1.700 m. de altura. Tal altitude altera sobremaneira o clima, mesmo a pouco mais de 12 graus de latitude sul (vide climogramas). Se Luanda é uma cidade litorânea, Nova Lisboa vai se caracterizar por ser uma cidade serrana; Luanda, excêntrica em relação a Angola, enquanto que Nova Lisboa encontra-se à cavaleiro na espinha dorsal representado pelo divisor ocupado pela ferrovia Lobito — Teixeira de Souza — Elizabethville, e a menos de 250 km. do mar em linha reta; Luanda é um ponto isolado dentro da própria Angola, ao passo que Nova Lisboa é um centro de região; com o progresso dos meios de transporte e de comunicação, Nova Lisboa vê o progresso bater-lhe às portas e Luanda assiste, de longe, o desenvolvimento da grande região angolana que é o planalto.

Nova Lisboa situa-se num divisor d'águas, que separa os altos cursos dos rios Queve e Cuando, respectivamente localizados ao norte e ao sul da linha divisória citada.

É uma cidade que lembra, pelo seu sítio, as cidades em espigões do interior paulista.

Sua população, de 16.288 habitantes em 1940, aumentou para mais de 28.000 almas em 1950 (28.297). Apenas 1/7 de seus habitantes são brancos.

Sua posição geográfica colocou-a no centro de uma das mais povoadas regiões de Angola. Disso deriva sua importância: ela é uma verdadeira capital regional. Para ela convergem os interesses de um vasto “hinterland” que a ela se liga pela ferrovia e rodovias qua nela se entrosam. A cidade é pois, um verdadeiro nó de comunicações.



Fotos 13 e 14 — Na foto superior vista do centro comercial de Nova Lisboa, que já sofre transformações, lembrando o centro de muitas cidades paulistas ou bairros de algumas grandes cidades brasileiras. Na foto inferior um aspecto da zona residencial de Nova Lisboa, asfaltada e com galerias subterrâneas para escoamento das águas pluviais. Também as instalações de energia elétrica pública e domiciliar são subterrâneas.
(Fotos do autor).

Suas funções decorrem em grande parte deste aspecto que acabamos de focalizar: possui importantes oficinas ferroviárias, centro de estabelecimentos industriais entre os quais se destaca uma moderna cervejaria, além de fábricas de chapéus, frigoríficos, etc.; como centro comercial Nova Lisboa é importante pela variedade de casas comerciais que ali existem, lembrando as cidades que também são capitais regionais em São Paulo, como Marília, Araçatuba, Rio Preto, etc..

Nova Lisboa pareceu-nos ter uma importante função residencial, em virtude dos excelentes bairros, exclusivamente residenciais, que nela vimos, o que nos fez pensar na existência de um planejamento urbano. Além disso, é uma cidade muito espalhada ocupando área muito maior do que seria necessária para abrigar cerca de 30.000 pessoas.

Infelizmente nossa breve estada na capital do planalto não nos permitiu que nos aprofundássemos no estudo de sua geografia urbana. Todavia deixou-nos impressão de ser uma cidade muito limpa e bem estruturada.

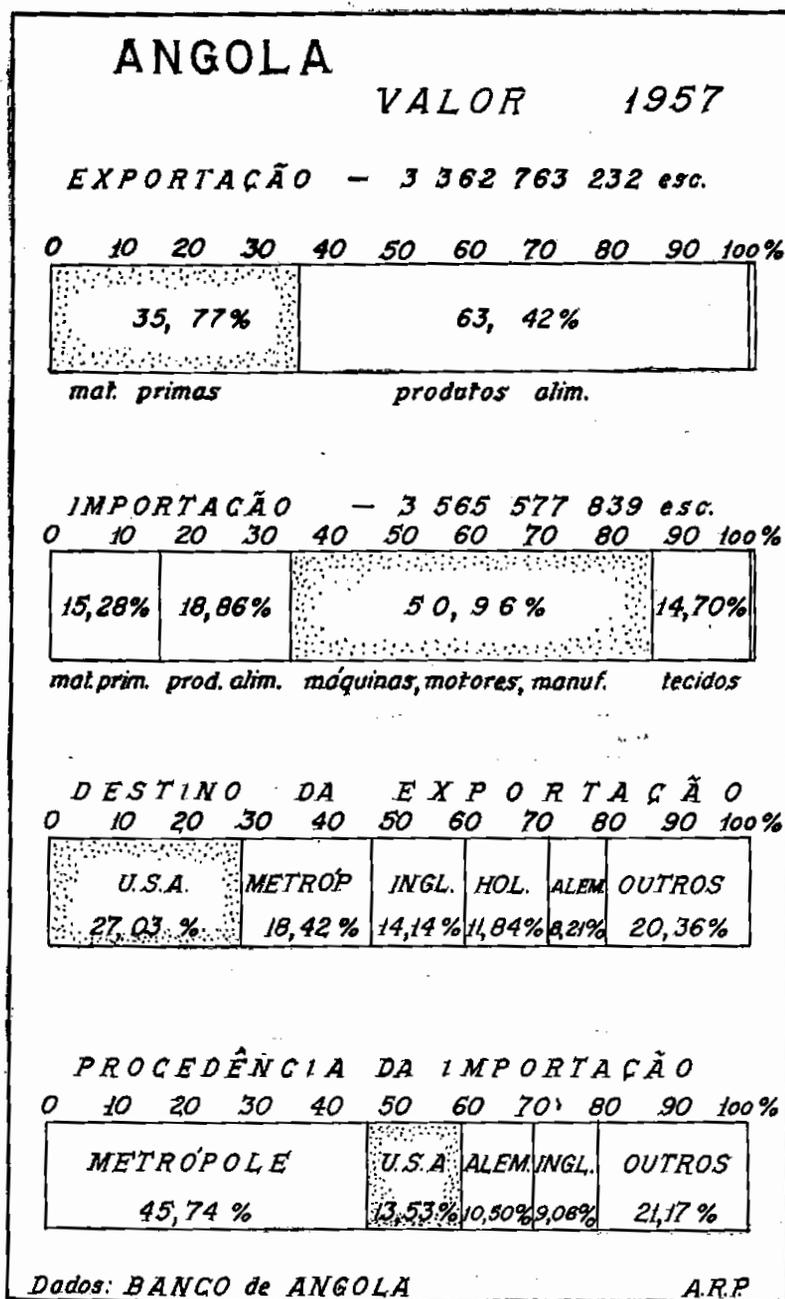
Considerações finais. — Ainda a respeito de Angola, restam-nos algumas conclusões que aqui são à guisa de considerações finais.

O progresso encontrado na Angola de hoje, parece-nos fruto de uma determinada política econômico-social, profundamente modificada nestes últimos dez anos.

A potencialidade econômica do território angolano é bem demonstrada pelo estudo das suas exportações entre 1948 e 1957, quando café e diamantes marcharam firmes na liderança das exportações. O café, exportado, principalmente para os Estados Unidos da América, foi no citado período, o grande produto vendido por Angola.

Seu valor, nunca baixou a menos de 30% do valor total das exportações angolanas. Maior variação oferece, no mesmo período, a produção diamantífera. Todavia na década 48-57 nota-se uma certa variedade nos demais produtos que figuram com destaque nas exportações angolanas: feijão, sisal, milho, açúcar, farinha de peixe, algodão... Tal variação de produtos exportados serve para bem caracterizar a economia provinciana, afastando-a definitivamente dos perigos de uma monoprodução.

Nesse sentido é bastante louvável o estímulo que os portugueses têm dado à agricultura angolana. Café, cana, algodão, milho,



ANGOLA — Valor da exportação em 1957.

etc., têm sido os alvos prediletos de campanhas de produção e de estabilização da agricultura indígena.

Na carta econômica que acompanha estas notas, percebe-se claramente as possibilidades agrícolas da Angola: café (nos distritos de Cuanza-Sul, Cuanza-Norte e Congo); algodão (em Luanda e Malange); trigo, no planalto, em Nova Lisboa (distrito de Huambo) e na região de Sá da Bandeira; milho no distrito de Huambo, Bié-Cuando-Cubango e Malange; e café "Arábica" em Huambo.

O sucesso dessas lavouras depende muito das condições geográficas das diversas zonas produtoras; mas dependem ainda tais lavouras do interesse dos portugueses, colonos ou naturais de Angola, como também dos próprios indígenas. As diferentes campanhas de produção (do trigo, do milho, da cana, etc.) atendendo indistintamente negros e brancos, obtiveram resultados satisfatórios. (Vide tabelas 4, 5 e 6).

Se fôssemos encarar o território da província de Angola do ponto de vista de bases geo-econômicas para seu desenvolvimento econômico, veríamos que a situação ali existente é a seguinte: a) *mão de obra*, deficiente pela pouca expressão qualitativa do elemento predominante (negro), necessitando urgente reforço pela imigração; b) *matérias primas*, de origem agrícola, animal ou mineral, em animadora quantidade, visto existir em Angola produtos agrícolas básicos à indústria de alimentação, leite e carne (pouco comuns na África Negra) e minério de ferro (28.700 toneladas em 1958), manganês (35.000 toneladas em 1958), cobre (15.000 toneladas no mesmo ano), diamantes (1.001.236 quilates em 1958), etc.; c) *fontes de energia*, em estado de equilíbrio, com pouco carvão (minas de Moxico) mas com grande potencial hidrelétrico já aproveitado parcialmente e surpreendentemente dotada de petróleo nos distritos de Luanda e Moçâmedes; d) *transportes*, situação precária graças a existência de quatro vias de penetração no sentido dos paralelos, representadas pelas quatro vias férreas angolanas, e péssima rede de rodovias em mau estado de conservação; e) *mercados consumidores*, a balança comercial da província mostra-nos muito bem a situação favorável gozada pela mesma, em relação aos territórios não portugueses com os quais comercia; f) *capitais*, situação precária em virtude das poucas possibilidades de crédito existentes em Angola e da falta de maiores capitais portugueses.

Em suma, falta de capitais e deficiências nos setores dos transportes e da mão de obra, comprometem a economia angolana.

TABELA 6

CULTURA DO CAFÉ — CAMPANHA DE 1955/1956

Distritos	Áreas Cultivadas (ha)	Produção em toneladas				
		Total	De produtores Europeus	De produtores Indígenas	Arábica	Robusta
Cabinda	3.150	630	569	61	—	630
Congo	64.045	22.416	13.801	8.615	—	22.416
Luanda	7.382	2.584	1.985	599	—	2.584
Cuanza Norte	125.548	43.942	32.487	11.455	—	43.942
Cuanza Sul	46.421	14.024	13.365	659	31	13.993
Malange	820	282	113	169	7	275
Benguela	2.950	750	749	1	377	373
Huambo	105	21	21	0	21	—
Bié-Cuando-Cubango	1.025	205	71	134	205	—
Moçâmedes	10	2	2	0	2	—
Huíla	215	37	37	0	37	—
Total	251.671	84.893	63.200	21.693	680	34.213

3.^a Secção da Repartição de Estatística Geral, em Luanda, aos 17 de Fevereiro de 1959.

A Angola é para nós, brasileiros, uma risonha esperança. A penetração de produtos nacionais em Angola é feita de forma notável. As principais revistas editadas no Rio ou em São Paulo são encontradas à venda nas livrarias de Luanda e de Nova Lisboa, assim como as que se dedicam ao gênero das "histórias em quadradinhas". Livros de editoras brasileiras penetram também em Angola e nossos autores são conhecidos e discutidos pelos portugueses da província angolana, conforme verificamos várias vezes.

Emissoras de rádio do Brasil são costumeiramente ouvidas em Angola, onde se está ao par das novidades musicais, do noticiário político e até mesmo dos produtos mais anunciados pelas nossas rádio-transmissoras, do que derivou longa série de questões e perguntas sobre o Brasil, que tivemos a necessidade de responder.

Ao lado dessa parte da população angolana ou europeia que anseia por conhecer o Brasil, há uma esmagadora maioria constituída por elementos negros, ainda por vestir, que necessita de quase tudo que se lhes possa oferecer.

Uns e outros, constituem, malgrado o baixo poder aquisitivo destes últimos, um promissor mercado para produtos brasileiros.

Há, todavia, um aspecto no território angolano que não pode deixar de ser aqui referido. Famílias portuguesas inteiras já se orgulham de terem filhos, netos e até bisnetos angolanos. Um forte sentimento de enraizamento em terras africanas se apossou de inúmeros troncos de origem metropolitana. Há um verdadeiro amor à terra, tão grande quanto o amor à própria pátria distante.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- PENTEADO, ANTÔNIO ROCHA — “A agricultura itinerante e o problema da fixação do homem ao solo, no Congo Belga”, em *Boletim Paulista de Geografia* n.º 33, págs. 41-77, São Paulo, outubro, 1959.
- “O colonato da Ccla (Angola): um exemplo de colonização branca na África Negra”, em *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”* n.º 17, págs. 106-116, São Paulo, 1960.
- “Panorama do Mundo Tropical”, em *Anuário da Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”* n.º 16, págs. 75-98, São Paulo, 1959.
- Relatório e Contas do Banco de Angola*, exercícios de 1957 e 1959.
- THOMAZ DOS SANTOS, A. C. VALDEZ — “Angola, coração do Império”, 266 págs. com ilustrações, Lisboa, 1945.